



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

SANDRA SUELY NOBRE DE QUEIROZ PEREIRA

**CONCEPÇÕES DE ALUNAS DE EJA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA
LEITURA E DA ESCRITA**

**NATAL
2018**

SANDRA SUELY NOBRE DE QUEIROZ PEREIRA

**CONCEPÇÕES DE ALUNAS DE EJA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA
LEITURA E DA ESCRITA**

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogo.

Orientadora: Professora Dra. Giane Bezerra Vieira

NATAL
2018

SANDRA SUELY NOBRE DE QUEIROZ PEREIRA

**CONCEPÇÕES DE ALUNAS DE EJA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E
DA ESCRITA.**

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado pelo (a) aluno (a) Sandra Suely Nobre de Queiroz Pereira, apresentado à coordenação do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em ___/___/2018, sendo auferido o conceito (_____) conforme avaliação do (a) professor (a) e a banca examinadora constituída pelos professores:

Prof.^a Dr.^a. Giane Bezerra Vieira
PRESIDENTE

Prof.^a Dra. Jacylene Melo Oliveira Araújo
1^a examinador

Prof.Dr. Francisco Cláudio Soares Júnior
2^o examinador

Aprovada em: ____ de _____ de 2018.

NATAL
2018

CONCEPÇÕES DE ALUNAS DE EJA SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA.

SANDRA SUELY NOBRE DE QUEIROZ PEREIRA ¹

ORIENTADORA: GIANE BEZERRA VIEIRA²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo conhecer as concepções e tecer reflexões acerca do pensamento de alfabetizandos da EJA (Nível II) de uma escola da rede pública municipal de Natal, sobre a importância da leitura e da escrita no seu cotidiano. Levando em consideração a existência de várias práticas de letramento em nossa sociedade e que, estas práticas conseqüentemente, não se encontram ausentes da vida cotidiana das pessoas, torna-se necessário utilizá-las em favor do crescimento intelectual dos indivíduos seja de forma individual ou coletiva. Na Educação de Jovens e Adultos, o ensino e a aprendizagem nessa modalidade de ensino precisam dar significados a vida dos sujeitos envolvidos, contribuindo de forma significativa para um trabalho de alfabetização mais eficaz na EJA, sob a perspectiva de alfabetizar letrando. Isto significa ensinar a ler e a escrever utilizando-se de práticas sociais, como uma estratégia para o desenvolvimento dos saberes de forma crítica e reflexiva. Na abordagem deste contexto discutiremos a partir dos enfoques teóricos como Arroyo (1997), Soares, (2004), Freire (2000), Durante (1998), Tfouni (2002) e, ainda, na legislação educacional vigente, dentre outros autores que discorrem sobre a EJA oferecendo subsídios para a fundamentação teórica deste trabalho. A metodologia utilizada caracteriza-se por uma abordagem de natureza qualitativa através de uma pesquisa exploratória - bibliográfica e de campo, tendo como instrumento de construção de dados a aplicação de uma entrevista, através de perguntas previamente elaboradas cujas informações gravadas em áudio possibilitaram uma análise das respostas dos entrevistados. A entrevista ocorreu em sala de aula, tendo como participantes 04 (quatro) aprendizes da turma de EJA, Nível II, noturno, sendo todas do sexo feminino, residentes no próprio bairro e trabalhadoras do lar. Os resultados evidenciaram que, esses jovens e adultos da EJA que por motivos diversos não lhes foram propiciados a conclusão dos estudos na idade certa, ao retornar aos espaços escolares, são movidos por interesses e necessidades específicas, inclusive, as que estão relacionadas às suas relações interpessoais. Apontaram ainda, o ensejo da realização de um sonho pessoal, ou melhorar sua situação na vida, ou no mundo do trabalho através dos estudos e que estão geralmente centrados na resolução de um problema e anseiam consigo o desejo de crescer e aprender. As falas dos sujeitos participantes revelaram também, que para a sua inserção no mundo letrado, a leitura e a escrita são fatores primordiais para que isso aconteça, fatores estes que foram constatados diante das narrativas dos participantes da pesquisa ao enfocarem suas concepções sobre a importância da leitura e da escrita no seu cotidiano, respondendo assim os objetivos propostos nesse estudo.

Palavras-chaves: Alfabetização. Educação de Jovens e Adultos. Escrita e Leitura.

¹Sandra Suely Nobre de Queiroz Pereira, aluna concluinte do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – E-mail: sandra.nobre@gmail.com,

²Professora Dra. Giane Bezerra Vieira - Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, vinculado ao Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – E-mail: gianebvieira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta a pesquisa exploratória - bibliográfica e de campo - realizada numa escola da rede municipal de Educação localizada na zona sul de Natal, RN, tendo como objeto de estudo a concepção de alunas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), alfabetização nível II, em relação à importância que atribuem à leitura e a escrita no seu cotidiano.

O interesse por esse estudo justifica-se no fato que ao longo da formação acadêmica da pesquisadora, ao cursar disciplinas que possibilitaram o conhecimento sobre como ocorre processo de alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA), despertando, a curiosidade de conhecer como se dá a construção da linguagem da leitura e da escrita de pessoas que por diversos motivos não conseguiram concluir seus estudos na “idade própria”.

Neste aspecto, dá-se ênfase ao Letramento, visto ser este o aporte principal para que o cidadão alcance através da leitura e da escrita uma participação ativa nas práticas sociais, e vivências com as múltiplas linguagens.

Sobre esse assunto, Soares (2001) diz que:

Não é só a Leitura e a Escrita, a fala oral também é importante, pois a pessoa letrada tem seu modo de falar diferente de uma pessoa iletrada ou analfabeta, aquele que convive com a escrita tem sua linguagem oral alterada, muda-se o jeito de falar e o vocabulário. Não se pode dissociar Alfabetização e Letramento, pois uma complementa a outra. (SOARES, 2001, p. 41)

Também, de acordo com a referida autora, assim, teríamos que alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, como duas ações distintas que embora tenham diferentes conceituações, são inseparáveis, por isso o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Considerando que ler e escrever são conquistas fundamentais para a cidadania dos jovens e adultos, busca-se nessa pesquisa investigar suas concepções, quanto à relevância da leitura, da escrita e suas diferentes representações no cotidiano. Diante disto, surgiu o seguinte questionamento: Como os discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Nível II da escola participante da pesquisa concebem a importância da leitura e da escrita no seu cotidiano?

Na perspectiva de encontrar possíveis respostas, o objetivo geral desse estudo, consiste em investigar as concepções e tecer reflexões acerca do pensamento dos alfabetizandos a respeito da importância da leitura e da escrita no seu cotidiano.

Nesta abordagem, o referencial teórico traz um breve histórico da EJA apresentando a legislação educacional vigente como serão enfatizadas algumas categorias conceituais consideradas de maior peso para serem refletidas, dentre as quais a educação de jovens e adultos (EJA) como uma modalidade de ensino nas etapas dos ensinos fundamental e médio da rede escolar pública brasileira e adotada por algumas redes particulares que recebe os jovens e adultos que não completaram os anos da educação básica em idade apropriada por qualquer motivo.

Tendo como ênfase a percepção do ensino aprendizagem da leitura e da escrita, diversos autores, são “chamados” para dar esse suporte teórico, dentre estes, Ferreiro e Teberosky (2001), a partir de estudos sobre a Psicogênese da língua escrita. As referidas autoras trazem novas ideias e conceitos no contexto da alfabetização e enfatizam que na construção desses conceitos, o aprendiz vivencia fases, caracterizadas por ideias/hipóteses diferentes acerca de que é a escrita o que ela representa e de como se escreve. Assim sendo, essa aprendizagem se processa mediante a interação do aprendiz com a escrita, enquanto objeto de conhecimento, à medida que ele experimenta escrever e ler, ele aprende a escrever e ler.

No tocante à Alfabetização e ao Letramento, Soares (2008) afirma que, no Brasil, há um progressivo uso do conceito de letramento para denominar os processos que levam as pessoas a terem um domínio adequado da leitura e da escrita. Como exemplo, ela cita as matérias publicadas na mídia, nas quais se considera que ser alfabetizado é mais do que saber ler e escrever um simples bilhete, condição que até algum tempo tida como satisfatória para tirar uma pessoa da lista dos analfabetos. Apesar de considerar essas diferenças, a autora defende a indissociabilidade de alfabetização e letramento.

Para tanto, a escola deve trabalhar com os dois processos simultaneamente, na perspectiva evitar o fracasso escolar, pois não basta apenas alfabetizar, isto é, ensinar os aspectos da língua como código, mas que isso, é preciso trabalhar a língua e seus usos sociais nos diferentes aspectos sociais.

Para Freire (2000), o conceito de alfabetização tem um significado ainda mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois,

enquanto prática discursiva possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social.

De acordo com o referido autor, a ideia de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, fundamentando-se na antropologia: o ser humano, muito antes de inventar códigos linguísticos, já lia o seu mundo. Nesta ênfase, observa-se, também, que esses jovens e adultos, em sua maioria, são pessoas que trabalham, participam da sociedade, têm uma vida social, um ciclo de amizades e afazeres muito diferente das crianças que vão para a escola para receberem uma base de vida, de valores, de obrigações e deveres, enfim, uma formação básica constitutiva como sujeito para a atual sociedade.

Nesse contexto, Freire (2000) aborda que:

O aluno adulto já tem a leitura do mundo que precede a leitura da palavra, configurando-se, dessa forma, como portador de um nível de letramento, mas que não é suficiente em uma sociedade seletiva como a nossa e com o exigente mercado de trabalho. (FREIRE, 2000, p.88)

Freire (2000), também defende que há uma relação dialética entre a leitura do mundo e a reescrita do mundo, ou seja, com sua transformação pelos sujeitos. O adulto está inserido em um mundo de relações totalmente diferente da criança, o que implica em um tratamento diferenciado. Assim sendo, o adulto já não necessita de tal base que é fundamental para a formação da criança, pois sua própria história de vida já fez esse papel. Precisamos, sim, inseri-lo no mundo da leitura e da escrita de modo que eleve seu nível de letramento.

1 FUNDAMENTAÇÃO

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu que a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família” e ainda, que o Ensino Fundamental obrigatório e gratuito seja oferta garantida para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n.º 9.394/96, constam, no Título V, Capítulo II, Seção V, diz que:

Art. 37 – “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria’.

§ 1º - “Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames”.

A LDB demonstra, portanto, preocupação com a oferta de educação para os indivíduos que não tiveram a oportunidade de concluir os seus estudos na idade própria. Trata-se de um avanço na tentativa de aniquilar com analfabetismo no país, embora que ao se falar de educação para todos, as imposições da lei ainda não se apresentam com plenitude.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que acolhe homens, mulheres, jovens e adultos trabalhadores que, por vários motivos não tiveram a devida escolarização necessária na idade apropriada. No entanto, ao retornarem aos espaços escolares esses jovens e adultos trazem em sua bagagem experiência e vivências cotidianas que necessitam serem mediados pelo docente com vista a oportunizá-los a aquisição e domínio da leitura e da escrita na perspectiva de se alfabetizar e se tornar letrados.

O Plano Estadual de Educação (2008-2017) enfoca que:

A demanda de alunos da EJA no Estado é caracterizada por dois grupos distintos: a população de jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos, em que o aluno tem idade suficiente para exercer direitos políticos, civis e sociais e também apresenta especificidade pelas quais passam os interesses, motivações e experiências de vida. O outro grupo, formado por adultos na faixa etária de 24 anos em diante, tem, além dos direitos políticos, uma capacidade cognitiva de maior reflexão sobre o conhecimento e sobre os seus próprios processos de aprendizagem, tendo em vista a sua experiência vivencial, suas responsabilidades, limites e seus objetivos diante dos desafios da vida. (BRASIL, 2009, p.54)

Estes jovens e adultos que retornam aos espaços escolares necessitam serem estimulados a aprender a ler e a escrever, ou seja, desenvolver habilidades e competências cognitivas que possibilite a sua inserção no mundo do trabalho.

Para Oliveira (1992), os sujeitos da EJA são pessoas com especificidades etárias e culturais, na sua maioria, trabalhadores de camadas populares, filhos de trabalhadores não qualificados com baixo ou nenhum grau de instrução e com uma curta passagem pela escola. Diante disto, muitos jovens e adultos na maioria das vezes se veem em uma posição inferior, como incapazes.

No entanto, quando despertada a consciência crítica, surge na dimensão social, a volta aos estudos para atender às exigências letradas da sociedade, e também, para melhoria da qualidade, de sua qualidade de vida.

Por isso, na dimensão pessoal, os alunos da EJA veem a volta aos estudos como uma possibilidade de recuperação da identidade humana e cultural, restabelecendo, dessa forma, a autoestima que estava oculta dentro deles, favorecendo a realização existencial para assumirem-se como sujeitos de suas ações. Essa dimensão contribui para a categoria do trabalho, de modo que o sujeito passa a perceber a necessidade de acompanhar as constantes mudanças do mundo globalizado onde o advento da tecnologia, exige pessoas preparadas e capacitadas para o mundo do trabalho.

Diante disso, refletir sobre as especificidades da EJA, também implica em uma ação política, que só poderá ser compreendida quando perspectivamos nosso olhar para um determinado tempo histórico e cultural, percebendo-se assim, uma mobilização para alfabetizar tanto jovens como adultos.

Portanto, o grande desafio é mudar as concepções consideradas ultrapassadas sobre EJA, conhecendo as especificidades dessa modalidade de ensino e seus contextos, onde o aprender a aprender na atualidade exige dos partícipes, afetividade, compreensão, humildade, comprometimento, criticidade, segurança, curiosidade, alegria, formação continuada e, principalmente a convicção de que a mudança é possível.

2 BREVE RELATO SOBRE A HISTÓRIA DA EJA E SOBRE ESPECIFICIDADES DE SEUS SUJEITOS

Alfabetizar jovens e adultos não é um ato apenas de ensino aprendizagem é a construção de uma perspectiva de mudança; no início, época da colonização do Brasil, as poucas escolas existentes eram para privilégio das classes média e alta,

nessas famílias os filhos possuíam acompanhamento escolar na infância; não havia a necessidade de uma alfabetização para jovens e adultos, as classes pobres não tinham acesso à instrução escolar e quando a recebiam era de forma indireta.

De acordo com Ghiraldelli Jr. (2008, p. 24) a educação brasileira teve seu início com o fim dos regimes das capitanias, ele cita que:

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de predomínio dos jesuítas; a das reformas do Marquês de Pombal, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759; e a do período em que D. João VI, então rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil (1808-1821) (Ghiraldelli Jr. 2008, p. 24).

Conforme o referido autor, o ensino dos jesuítas tinha como fim não apenas a transmissão de conhecimentos científicos, escolares, mas a propagação da fé cristã. A história da educação de jovens e adultos no Brasil no período colonial se deu de forma assistemática, nesta época não se constatou iniciativas governamentais significativas. Os métodos jesuíticos permaneceram até o período pombalino com a expulsão dos jesuítas, neste período, Pombal organizava as escolas de acordo com os interesses do Estado, com a chegada da família Real ao Brasil a educação perdeu o seu foco que já não era amplo.

Após a proclamação da Independência do Brasil foi outorgada a primeira constituição brasileira e no artigo 179 dela constava que a “instrução primária era gratuita para todos os cidadãos”; mesmo a instrução sendo gratuita não favorecia as classes pobres, pois estes não tinham acesso à escola, ou seja, a escola era para todos, porém, inacessível a quase todos, no decorrer dos séculos houve várias reformas, Soares (2002) cita que:

No Brasil, o discurso em favor da Educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da República. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de Ensino (Soares, 2002, p. 8).

A história da Educação de jovens e adultos é muito recente, durante muitos anos as escolas noturnas eram a única forma de alfabetizá-los após um dia árduo de serviço, e muitas dessas escolas na verdade eram grupos informais, onde poucos

que já dominavam o ato de ler e escrever o transferia a outros; no começo do século XX com o desenvolvimento industrial é possível perceber uma lenta valorização da EJA.

O processo de industrialização gerou a necessidade de se ter mão de obra especializada, nesta época houve a criação de escolas para capacitar os jovens e adultos, por causa das indústrias nos centros urbanos a população da zona rural migrou para o centro urbano na expectativa de melhor qualidade de vida, ao chegarem aos centros urbanos surgia a necessidade de alfabetizar os trabalhadores e isso contribuiu para a criação destas escolas para adultos e adolescentes. Surgindo então o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL. Sendo este um Programa criado em 1970 pelo governo federal, com o objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos.

A necessidade de aumentar a base eleitoral favoreceu o aumento das escolas de EJA, pois o voto era apenas para homens alfabetizados. Na década de 1940 o governo lançou a primeira campanha de Educação de adultos, tal campanha propunha alfabetizar os analfabetos em três meses; dentre educadores, políticos e sociedade em geral, houve muitas críticas e também elogios a esta campanha, o que é nítido e que com esta campanha a EJA passou a ter uma estrutura mínima de atendimento.

Com o fim desta primeira campanha, Freire foi o responsável em organizar e desenvolver um programa nacional de alfabetização de adultos, porém com o golpe militar o trabalho de Freire foi visto como ameaça ao regime; assim a EJA volta a ser controlado pelo governo que cria o MOBRAL, conforme foi citado anteriormente.

O ensino supletivo foi implantado com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71. Nesta Lei um capítulo foi dedicado especificamente para o EJA. Em 1974 o MEC propôs a implantação dos CES (Centros de Estudos Supletivos), tais centros tinham influências tecnicistas devido à situação política do país naquele momento.

Em 1985, o MOBRAL findou-se dando lugar à Fundação EDUCAR que apoiava tecnicamente e financeiramente as iniciativas de alfabetização existentes, nos anos 80 difundiram – se várias pesquisas sobre a língua escrita que de certa forma refletiam na EJA, com a promulgação da constituição de 1988 o Estado amplia o seu dever com a Educação de jovens e adultos.

Na década de 1990 emergiram iniciativas em favor da Educação de jovens e adultos, o governo incumbiu também os municípios a se engajarem nesta política, ocorrem parcerias entre ONG's, municípios, universidades, grupos informais, populares, Fóruns estaduais, nacionais e através dos Fóruns a partir de 1997 a história da EJA começa a ser registrada no intitulado "Boletim da Ação Educativa".

É notório que nesta fase da história da Educação brasileira, a EJA possui um foco amplo, para haver uma sociedade igualitária e uma Educação eficaz é necessária que todas as áreas da Educação sejam focadas e valorizadas, não é possível desvencilhar uma da outra.

No entanto, a Educação de Jovens e Adultos no nosso País, ainda não tem apresentado experiências satisfatórias e vem se revelando incapaz de cumprir os objetivos a que se propõe. No que se refere a garantir a matrícula dos alunos, a função da EJA está sendo cumprida, mas com relação à permanência desse alunado na escola, os resultados são poucos satisfatórios.

O atual debate da agenda das políticas públicas, ao reafirmar o direito constitucional à educação básica para todos, independente da idade, nos faz refletir que o direito à educação não se reduz apenas a alfabetização que, de acordo com Vieira (2004):

A experiência acumulada pela história da EJA nos permite reafirmar que intervenções breves e pontuais não garantem um domínio suficiente da leitura e da escrita. Além da necessária continuidade no ensino básico, é preciso articular as políticas de EJA a outras políticas. Afinal, o mito de que a alfabetização por si só promove o desenvolvimento social e pessoal há muito foi desfeito. Isolado, o processo de alfabetização não gera emprego, renda e saúde. (VIEIRA, 2004, p. 85-86)

Concordando com as palavras do referido autor, essa educação vem sendo buscada na atualidade com o objetivo de realmente permitir o acesso de todos à educação, independentemente da idade, ficando claro o caminho que a EJA percorreu em nosso país até chegar aos dias de hoje. Muito já foi feito, mas ainda há o que se fazer. Não se pode acomodar com os avanços já conseguidos, é necessário vislumbrar novos horizontes na busca da total erradicação do analfabetismo em nosso país, para que se efetive realmente a educação é direito de todos.

Portanto, a Educação de Jovens e Adultos constitui uma arena de discussões que traz as marcas históricas de uma exclusão social visível e, é também através de seu repensar igualitário, transformador, pluricultural e de uma prática social não mecanicista e não elitista que se pode levar a uma inclusão social propriamente dita.

No entanto, espera-se que a expectativa da mudança de vida através do conhecimento se constitua um impulso para que esses jovens e adultos continuem sua trajetória escolar e, que ao se tornarem alfabetizados/letrados, consigam realizar através da continuidade dos estudos o tenham almejado e ousado sonhar.

3 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se no âmbito da abordagem Qualitativa, que segundo Bogdan e Biklen (1994) pode ser assim caracterizada: a fonte direta dos dados é o ambiente, se constituindo o investigador como o seu instrumento principal; a investigação qualitativa é tendencialmente descritiva, não se resumindo apenas a números, os pesquisadores envolvidos nesta abordagem de pesquisa se interessam mais pelo processo de que simplesmente pelos resultados ou produtos, a ênfase é dada ao significado atribuído pelos sujeitos aos fenômenos estudados.

Neste aspecto os referidos autores destacam que:

Nessa metodologia os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. Esses dados são geralmente recolhidos em contexto naturais, sem necessariamente se levantar ou tentar comprovar hipóteses ou medir variáveis, buscando apreender as diversas perspectivas dos sujeitos e os fenômenos em sua complexidade. A abordagem qualitativa é também denominada naturalista [...] porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 17).

Concordando com as palavras Bogdan e Biklen, (1994), pode-se inferir que é através das interações dos sujeitos com o meio e os demais, que se constroem seus repertórios de significados.

A respeito da pesquisa qualitativa Chizzotti (1998), diz que a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real

e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade de sujeito.

O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZOTTI, 1998, p.79).

A pesquisa, de abordagem qualitativa neste estudo ocorreu através de um estudo exploratório através da realização de uma entrevista com perguntas previamente elaboradas, tendo como instrumento de coleta a gravação de áudio das perguntas e respostas dos entrevistados. Na oportunidade, foi possível verificar e compreender como processar os pressupostos dessa investigação no que se refere à importância da observação que, de conformidade com Richardson, (1998):

A observação é de suma importância nas pesquisas científicas, pois através dela o pesquisador consegue ver o que está pesquisando de perto e pode registrar o que será observado. Nesse tipo de observação o investigador não toma parte nos conhecimentos objeto de estudo como se fosse membro do grupo observado, mas apenas atua como espectador atento. Baseado nos objetivos da pesquisa, e através de seu roteiro de observação, ele procura ver e registrar o máximo de ocorrências que interessa ao seu trabalho (RICHARDSON, 1989, p. 214).

Ainda segundo Richardson (1989), este método difere, em princípio, do quantitativo, à medida que não emprega um instrumental estatístico como base na análise de um problema, não pretendendo medir ou numerar categorias.

Entende-se, portanto, que os estudos de campo qualitativos não têm um significado preciso em quaisquer das áreas onde sejam utilizados. Todos os estudos de campo, por sua vez, são necessariamente qualitativos e, mais ainda, identificam-se com a observação participante.

3.1 LÓCUS DO ESTUDO

O lócus do estudo foi a Escola Municipal Prof. Ulisses de Góis, localizada na rua Pe. Raimundo Brasil, s/n, bairro de Nova Descoberta, Natal, RN. Tendo como público alvo alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) nível II, turno noturno.

Criada oficialmente pelo Ato nº 1902 de 03 de abril de 1977, funcionamento autorizado através da Portaria nº 719/80, publicada no Diário Oficial do Estado, no dia 30 de outubro de 1980. A escola funciona nos três turnos, atendendo alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e a Educação de Jovens e Adultos-EJA.

A escola é considerada referência na comunidade, sendo de fácil acesso, ampla estrutura física, bom estado de conservação. Atende a um público em sua maioria do próprio bairro e de áreas circunvizinhas. Conta também com a parceria da UFRN, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID.

O Conselho Escolar representado por pais, alunos, professores e funcionários atua de forma participativa das ações da escola. O Projeto Político Pedagógico (PPP) elaborado desde o ano de 2006 pelos gestores, professores, coordenadores, pais e alunos e demais pessoas da comunidade escolar encontra-se acessível na sala da direção sendo bastante manuseado. No referido documento a escola toma para si a responsabilidade de trabalhar a ética, a integração, a competência o compromisso e a inovação de forma que possibilite aos discentes aprender a conviver em sociedade, a serem solidários e participantes no espaço público.

A Missão da escola é posta no PPP como a garantia de um ensino para todos, embasadas nos preceitos regidos na Constituição Federal de 1988 na LDB 9394/96 e outros documentos educacionais que primam pelo ensino aprendizagem de qualidade com vistas a permanência do aluno na escola e na sua formação cidadã.

A Gestão Democrática na referida escola ocorre de forma participativa possibilitando um lugar de ensino aprendizagem significativa, onde todos participam e colaboram. Nesse aspecto a Instituição tem procurado trabalhar valores como espontaneidade de expressão, vida sadia, autoestima, autoconfiança, dignidade, autonomia, desejo de aprender, amizade, sociabilidade, cooperação, igualdade de oportunidades, respeito por suas diferenças, diversidades socioculturais que devem ser trabalhadas por todos os setores da Escola.

Os sujeitos participantes da pesquisa são quatro mulheres com uma característica comum: todas são trabalhadoras do lar. Algumas desenvolvem atividades artesanais, ou seja, trabalhos manuais como, por exemplo, confecção de doces e salgados caseiros, crochês, etc., para ajudar nas despesas de casa e a faixa etária varia entre os trinta e cinquenta anos.

As perguntas previamente elaboradas da entrevista tiveram como pontos principais: investigar as concepções dos alunos jovens e adultos sobre os motivos que os levaram a retomar à escola na modalidade de EJA e suas concepções sobre a importância e usos da leitura e da escrita no seu cotidiano.

Esse tipo de abordagem fez-se necessária para direcionar os assuntos referentes aos objetivos propostos neste estudo, de modo que não se tornasse apenas um sistema de perguntas, dando margem a outras possíveis e relevantes informações, como por exemplo, suas histórias de vidas perspectivas de continuidade de estudos ou não, buscando-se também, observar se o processo de alfabetização que eles estão tendo está sendo aprimorado com vistas ao letramento, ou seja, se os mesmos conseguem atender às demandas sociais da leitura e da escrita.

Sobre esse assunto, Lopes e Sousa (2010), afirmam que:

É preciso que a sociedade compreenda que alunos de EJA vivenciam problemas como preconceito, vergonha, discriminação, críticas dentre tantos outros. E que tais questões são vivenciadas tanto no cotidiano familiar como na vida em comunidade. (LOPES E SOUSA. 2010, p. 2).

Neste aspecto enfatiza-se que o jovem, adulto da EJA, em sua maioria são pessoas que já estão ou não no mundo do trabalho e que precisam aprimorar os seus conhecimentos para progredir no emprego; é a mulher que foi mãe adolescente que teve poucas oportunidades de estudos: é o migrante de áreas rurais que vem à cidade com intuito de “crescer na vida”; é o aluno que priorizou trabalhar a estudar, e dentre outras especificidades, é aquele jovem ou adulto que por algum motivo não conseguiu concluir os seus estudos ou não foi alfabetizado na idade considera “certa”.

Além das questões sociais e históricas, remetidas pelo fato de o aluno estar mais em contato com o senso comum do que com o conhecimento científico, como podem afirmar Brandão e Araújo (2009), ao enfatizar que o aluno da EJA traz consigo uma bagagem de experiências que envolvem conhecimentos e saberes vividos ao longo dos anos, e ainda sua própria leitura de mundo. Há, ainda, o fato de serem sujeitos de faixas etárias, geralmente, muito distintas, estudando em uma mesma turma, cada um com sua capacidade e velocidade de raciocínio e entendimento.

No entanto, evidencia-se o que preconiza a LDB 9394/96 no capítulo II, seção V, a Educação de Jovens e Adultos, artigo 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Essa definição da EJA esclarece o potencial de uma educação inclusiva e compensatória que essa modalidade de ensino apresenta e com isso, percebe-se que além de ser uma política educacional, a EJA é principalmente uma política social. Ela dará condições para que esses jovens e adultos melhorem suas condições de trabalho, melhorem a sua qualidade de vida e conseqüentemente sejam respeitados na sociedade.

Porém, cabe ao governo, em cumprimento ao artigo 37 da referida lei, estimular o acesso da população à essa modalidade educacional e oferecer condições de funcionamento dignas para que sejam de fato efetivados os seus objetivos que são os de inclusão social e melhoria da qualidade de vida pessoal e profissional dos educandos.

4 Concepções de alunas da EJA sobre a importância da leitura e da escrita no seu cotidiano: Resultados observados

No que se refere ao instrumento de coleta de dados, utilizado na pesquisa, que contemplou uma entrevista, as narrativas das alunas foram gravadas em áudio através de um celular de propriedade particular da pesquisadora. Foram 05 (cinco) perguntas, destinadas a 04 (quatro) participantes da pesquisa, cujas repostas e nomes fictícios foram escolhidos por elas mesmas para a sua apresentação neste estudo. Abaixo transcrevemos na língua materna esses áudios em sua íntegra, com vistas à análise das falas dos sujeitos participantes.

Após a realização das entrevistas com as alunas, dividimos as suas concepções em eixos de análise que são articulados ao objeto de estudo: 1 – **motivação para voltar à escola**; 2 – **Razões que motivaram a volta para a escola**; 3 – **A importância dos estudos na vida das alunas de EJA**; 4 – **O significado de ser alfabetizada na EJA e a importância dessa alfabetização no cotidiano**; 5 – **Gêneros textuais que são estudados em sala de aula**.

No que diz respeito ao primeiro eixo, **motivação para voltar à escola**, as professoras investigadas responderam o seguinte:

Eu voltei porque queria me alfabetizar, porque faz muito tempo que deixei de estudar. Já estava cansada de depender de alguém para ler algo que não conseguia, sacar o dinheiro do caixa eletrônico, ou até mesmo para ajudar a fazer as tarefas escolares do meu filho. Foi por isso que eu voltei para a escola para aprender a ler e escrever adquirir conhecimentos que eu não mais precise depender de outra pessoa, pedindo a um e a outro para me ajudar até mesmo para pegar um onibus. Não quero mais passar por esse constrangimento. (**Joana, 39 anos**);

Eu tinha muita vontade de frequentar uma escola, mas naquele tempo havia a concepção de que o lugar da mulher era na cozinha a prioridade era aprender a fazer as tarefas de uma casa, cuidar do marido e dos filhos. Voltei porque tinha muita vontade de aprender a ler e escrever é um sonho que sempre tive (**Maria da Guia, 50 anos**);

Eu voltei à escola, porque sempre tive vontade de concluir pelo menos o ensino fundamental, eu posso dizer que pretendo terminar, é um sonho que sempre tive” (**Francisca 45 anos**);

Eu casei muito cedo e muito cedo tive que trabalhar, fiquei muito tempo sem estudar, agora voltei, eu não sabia ler nem escrever meu nome direito, já aprendi e pretendo aprender muito mais, saber fazer as contas. E outras coisas. Eu sei que nos dias de hoje é muito difícil uma pessoa que não sabe ler e escrever arranjar um emprego. Eu acredito que através da conclusão dos estudos eu possa arranjar um emprego. (**Josefa, 54 anos**);

Analisando esse eixo, observamos nas narrativas de Joana (39), Maria da Guia(50), Francisca(41) e Josefa(54), a existência de um fator comum entre elas, voltaram ao espaço escolar movidas pelo desejo de aprender a ler e escrever e acreditam que através dos estudos possam superar suas dificuldades cotidianas, como por exemplo, sacar o dinheiro no caixa eletrônico sem depender da ajuda de outras pessoas, e ajudar nas tarefas escolares dos filhos, conforme relato de Joana(39).

Percebemos na narrativa de Maria da Guia (50), que a mesma não conseguiu frequentar a escola no tempo hábil por causa de uma concepção machista da época e que ainda persiste na mente de alguns em nossos dias, a de que o papel da mulher seria apenas cuidar dos afazeres domésticos, cuidar do marido e dos filhos, mas ela não se contentava só com isso, o desejo de aprender a ler e escrever

configurava-se como um sonho que agora está sendo realizado. Aqui é possível perceber como a especificidade da condição feminina, os afazeres domésticos influenciam na não participação nos estudos. Como relações familiares e de trabalho marcam os enunciados dos alunos sobre a não frequência à escola. Francisca (45), também expressa esse mesmo desejo.

Por sua vez, Josefa (54) afirma que ficou muito tempo sem estudar, mas agora já sabe ler e escrever e espera através da conclusão dos estudos conseguir um emprego.

Observamos nos depoimentos de todas as entrevistadas a existência de um discurso narrativo sempre na primeira pessoa “Eu voltei”, “Eu tinha”, “Eu pretendo”, “Eu acredito”, sempre expressando um aspecto pessoal que é explicado por Tfouni (2002), ao enfatizar que o discurso narrativo aparece como o lugar privilegiado para a elaboração da experiência pessoal, para a transformação do real em realidade, por meio do mecanismo linguístico discursivo e também para a inserção da subjetividade (entendida aqui do ponto de vista discursivo como um lugar) que o sujeito do discurso pode ocupar para falar de si próprio de suas experiências, conhecimentos de mundo, sentimentos ou mais sucintamente, entendida como a forma pela qual o sujeito organiza sua simbolização particular.

Concordando com as palavras da referida autora, essa concepção pode ser percebida nas narrativas de todas as participantes da pesquisa, um discurso narrativo permeado de subjetividades que dá lugar privilegiado para a exposição da experiência pessoal de cada uma delas ao enfatizar o porquê da volta à escola por verem nela uma oportunidade de aprender a ler e escrever e assim realizarem um sonho, transformando o real em realidade. Para esses jovens e adultos da EJA, e especificamente para as participantes da pesquisa há a perspectiva de que a escola possa ajudá-las a superar suas dificuldades cotidianas de leitura e escrita através do seu uso na vida em sociedade.

Em relação ao segundo eixo de análise: **Razões que motivaram a volta para a escola**, as alunas responderam que:

É como eu já falei, né... porque eu estava sempre dependendo de alguém, utilizar os caixas eletrônicos, ajudar meus filhos nas tarefas escolares, voltei à escola motivada pelo desejo de

evoluir, se expressar melhor, não passar vergonha por não saber ler e escrever (Joana, 39)

Eu tinha vergonha quando alguém me perguntava alguma coisa escrita, um nome que eu não sabia o que era por não saber ler, ai me deu uma vontade enorme de aprender a ler e escrever e vencer esse sentimento de vergonha. Voltei à escola motivada pelo desejo de realizar esse sonho (Maria da Guia, 50);

O que me motivou a voltar a escola, estudar foi iniciar a realização do sonho de aprender a ler e escrever, concluir pelo menos o Ensino Fundamental, isso para mim é como um desafio (Francisca, 45);

É como já falei, não tive muita oportunidade de estudar e sei que tudo é muito difícil pra quem não sabe ler, mas agora que já aprendi a ler e escrever e pretendo aprender muito mais, evoluir, avançar (Josefa, 54 anos)

Embora esse segundo eixo seja parecido com o primeiro, este tem um foco diferente, as razões da motivação. Observamos nos depoimentos de Joana (39) e Maria da Guia (50) que ambas relatam o sentimento de vergonha por não serem alfabetizadas, e que ambas já venceram ou estão vencendo esse sentimento, com a volta ao espaço escolar, lugar no qual elas veem uma oportunidade de adquirir conhecimentos que as ajude a vencer esse sentimento, seus medos, suas angústias por não saber ler e escrever.

Diante destas narrativas, podemos observar que no tocante às especificidades atribuídas ao público da EJA, uma das principais características desses alunos é sua baixa autoestima, muitas vezes em virtude das situações de fracasso escolar, da repetência, da evasão, muitas vezes esse aluno volta à sala de aula, revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios.

No entanto, a volta a escola é sempre motivada como para vencer um desafio, acreditam que a escola pode ajudá-los nesse sentido, adquirir novos conhecimentos. Para Oliveira (1992), qualquer que seja a escola, ela preserva como característica inerente o conhecimento como objeto primordial da ação. É na escola, no processo de pensar sobre o próprio conhecimento, que o indivíduo aprende a se relacionar com o conhecimento contextualizado, independentemente das suas relações com a vida imediata. Tal conhecimento pode ser constituído em outras instituições sociais, mas, em nossa sociedade letrada, a escola é a instituição privilegiada para essa função.

Diante disto, é relevante destacar que um dos objetivos da Educação de Jovens e Adultos, é a valorização do aluno como ser humano, que busca o resgate da autoestima e a inserção social. E esse resgate somente a escola pode propiciar, oportunizar. É por meio da escola que se pode vislumbrar os desenvolvimentos sociais, políticos, culturais e econômicos, mas, também e a acima de tudo, a construção da cidadania.

No terceiro eixo, **a importância dos estudos na vida das alunas de EJA**, elas afirmaram que:

Considero os estudos muito importante, porque sem estudo a gente não chega a lugar algum, é através dos estudos que a gente pode avançar” (**Joana,39**);

O estudo é muito importante, por que eu vou saber chegar em algum lugar, vou saber, falar, responder, saber o que está escrito, tudo isso é muito importante para mim (**Maria da Guia, 50**);

Se eu não tiver estudo, eu não tenho nada, é tanto que esses anos todinhos sem estudar ao voltar me sinto renovada, o estudo é tudo na vida da gente (**Francisca, 45**);

Com certeza, estudar é muito importante, principalmente pra mim que não sabia ler e escrever e agora já sei. É tão

importante que vou continuar estudando, pra depois quando alguém me perguntar alguma coisa, eu saber corresponder por igual (**Josefa, 54**).

Constatamos nas narrativas de Joana (39), Maria da Guia (50), Francisca (45) e Josefa (54), que todas consideram os estudos importantes para as suas vidas. Isto demonstra o significado dos estudos para esses sujeitos, que buscam transformações em suas vidas seja social, familiar, profissional, pessoal, religiosa e política, dentre outros aspectos.

Ao analisarmos estas respostas observa-se também que as entrevistadas veem na continuidade dos estudos um caminho para uma mudança de vida através da realização pessoal; ou como uma nova chance de retomar os estudos perdidos. Esta concepção pode ser vista através da narrativa “Se eu não tiver estudo, eu não tenho nada, é tanto que esses anos todinhos sem estudar, ao voltar me sinto renovada, o estudo é tudo na vida da gente” (Francisca, 45);

Em todas as respostas para a pergunta sobre a importância dos estudos na vida, constatamos mesmo que, sucintamente, as participantes da pesquisa percebem que a sociedade na atualidade exige que sejamos letrados, pois no cotidiano todas as pessoas se deparam com a necessidade de ler e escrever, estamos cercados pela palavra escrita. Porém, para que a pessoa possa ter autonomia, independência e tornar-se um cidadão crítico, é necessário que estude, pois tanto em casa, na rua, no trabalho, nos espaços de lazer, nas práticas sociais mais variadas, exigem de nós o ato educativo, o conhecimento.

De acordo com Freire (1990) sobre o ato educativo diz que:

O ato educativo deve ser sempre um ato de recriação, de ressignificação de significados. Seu método pretende integrar a leitura da palavra à leitura do mundo, pois essa precede aquela. É intrínseco ao professor o ato educativo, portanto, seu caráter de mediação deverá favorecer o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural de um grupo (Freire, 1990, p.65).

Nessa perspectiva, concordando com as palavras de Freire (1990), a leitura da palavra e leitura de mundo, tem grande significado pois, lê-se a palavra e se aprende a escrever a palavra como consequência de quem tem a experiência do mundo e de estar em contato com o mundo, isto quer dizer que o aluno alfabetizado

ou não, chega à escola levando uma cultura que não é melhor nem pior que a do professor. Em sala de aula, os dois lados aprenderão juntos, um com o outro. Nesse sentido, a EJA quebra com a cultura de valorização de um indivíduo mais que outro, por afirmar a igualdade de todos desde que estejam dispostos a enfrentar os desafios do aprendizado na sociedade como um todo.

O quarto eixo de análise versou sobre o **Significado de ser alfabetizada na EJA e a importância dessa alfabetização no cotidiano**. No tocante a esse eixo, as respostas obtidas foram as seguintes:

Para mim, ser alfabetizada significa conhecer o alfabeto, saber ler e escrever de forma correta, significa também que eu vou aprender muitas coisas que vai me ajudar no dia-a-dia (**Joana 39**);

Tudo, significa muito, porque se a gente não tiver sido alfabetizada fica voando pelo mundo, perguntando tudo, porque não sabe ler e escrever, fica dependendo dos outros, essas coisas... (**Maria da Guia, 50**)

Significa saber ler e escrever... Mas para mim vai, além disso, não é só isso... Às vezes a pessoa sabe ler, mas não entende nada do que está lendo... Não sabe interpretar, tem gente que sabe ler e escrever e não consegue fazer uma simples carta (**Francisca, 45**);

Ser alfabetizada significa muita coisa, né... Porque é bom pra quando a pessoa precisa arrumar um emprego, já sabe o que vai fazer né... As funções, quando for assinar um documento, saber o que está escrito. (**Josefa, 54**)

Observamos nessas narrativas que as participantes da pesquisa percebem a importância de ser alfabetizadas e a importância dessa alfabetização no seu

cotidiano e que mesmo não sabendo ainda expressar essa concepção com palavras, demonstram que saber ler e escrever não somente faz parte do processo de alfabetização, mas vai além disso, fato este percebido por Joana (39) “aprender muitas coisas que vai me ajudar no dia a dia”; disse ela. Uma das respostas mais expressivas foi a de Francisca (45) “Significa saber ler e escrever, mas para mim vai além disso, não é só isso...às vezes a pessoa sabe ler, mas não entende nada do que está lendo...não sabe interpretar, tem gente que sabe ler e escrever e não consegue fazer uma simples carta”.

Analisando as seguintes expressões advindas dessas respostas sobre o que é ser alfabetizada vemos alguns fragmentos de suas falas, “aprender muitas coisas”, não ter sido alfabetizada, ficar voando pelo mundo, perguntando tudo”, “não sabe interpretar, tem gente que sabe ler e escrever e não consegue fazer uma simples carta”. As participantes percebem que a alfabetização vai além disso, fato este que é explicado por Durante (1998) ao afirmar que a alfabetização, domínio do sistema alfabético, constitui apenas um tipo de prática de letramento. Entendendo o letramento como um conjunto de práticas sociais que se utiliza da escrita, ampliam-se as agências de letramento para além da escola abrangendo a família, a igreja, o trabalho, as organizações populares, etc.

Também de acordo com a referida autora, não se pode entender a alfabetização e o letramento como um processo de poucas consequências cognitivas, nem tão pouco aceitar o mito da alfabetização que não atribui nos grupos não alfabetizados capacidades de desenvolvimento de formas elaboradas de pensamento.

Assim sendo, na alfabetização e letramento, deve se considerar sempre a dimensão social, o significado que a escrita tem para determinado grupo social, sempre, numa perspectiva de mudança visando a formação de um indivíduo consciente, crítico, transformador, participante do uso da língua culta e o seu poder na sociedade letrada.

O quinto eixo de análise teve o objetivo de identificar os **Gêneros textuais que foram estudados em sala de aula** pelas alunas da EJA. A esse respeito, elas responderam que:

Até agora só jornal, eu acho bom porque a gente lê o que gosta e fica sabendo das coisas da cidade (**Joana 39**);

A gente só viu jornal mesmo, porque as aulas começaram faz poucos dias, mas já tô gostando, quero aprender outras coisas. **(Maria da Guia, 50);**

Só jornal mesmo, não deu tempo ainda para ver outras coisas, né? **(Francisca,45);**

Só jornal e notícia até agora, **(Josefa, 54);**

Nesse eixo, os gêneros literários Notícia e Jornal foram destacados, de forma unânime, dentre os diversos tipos de textos, como muito significativo para as participantes uma vez que o trabalho em sala de aula desenvolvido naquele momento contemplava esse tipo de texto.

Neste aspecto, convém destacar a importância dos diversos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento dos jovens e adultos por possibilitar aos aprendizes um melhor entendimento sobre a escrita, a leitura e conseqüentemente, a produção textual. Assim sendo, os alunos serão capazes de produzir textos de forma reflexiva e crítica.

Neste aspecto, de acordo com Schneuwly; Dolz (2004):

É devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente reconstruídas. Disso decorre um princípio que funda o conjunto de nosso enfoque: o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, faz-se sobre, os gêneros, quer se queiram ou não. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.5)

Também de acordo com os referidos autores, esses gêneros constituem o instrumento de mediação de toda a estratégia de ensino e o material de trabalho necessário é inesgotável para o ensino da textualidade.

Assim sendo, os aprendizes da EJA têm a oportunidade de desenvolver a leitura e a escrita através desses diferentes gêneros e seus diferentes usos nas práticas sociais resultando assim numa aprendizagem significativa que muito contribui no seu aprendizado acerca da leitura e da escrita.

Constatou-se também, por ocasião da entrevista, que as participantes da pesquisa expuseram em suas respostas, um pouco de suas histórias de vida, citaram alguns motivos que os levaram a retornar para a escola, mencionaram a pretensão de mudar ou melhorar no trabalho ou até mesmo ajudar os filhos nas tarefas escolares e foram unânimes ao enfatizarem que a maior satisfação é a realização pessoal, ou seja, realizar o sonho de aprender a ler e escrever.

Neste aspecto, também, segundo Freire (1990):

O analfabeto aprende criticamente a necessidade de aprender a ler e escrever. Prepara-se para ser o agente desta aprendizagem. E conseqüentemente, fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. (FREIRE, 2000, p.71).

Ainda de acordo com Freire (2000, p.31), a escola deve atender às necessidades de seus alunos levando-se em conta que a escola faz parte da sociedade, a qual está em constante mudança. Freire concebe, portanto, o ser humano como ativo em sua realidade e condena a educação bancária. “O homem integra-se e não se acomoda”.

Diante disto, o analfabeto sente a necessidade de aprender a ler e a escrever considerando que a educação torna-se importante a partir do momento em que o mercado de trabalho passe a cobrar do educando, uma qualificação profissional como condição para a consecução de mais oportunidades dentro da sociedade em que está inserido.

Nesse contexto Freire (1979), trabalha a perspectiva de que o aluno adulto já tem a leitura do mundo que percebe a leitura da palavra, configurando-se dessa forma, como portador de um nível de letramento, mas que não é suficiente em uma sociedade seletiva como a nossa e como exigente mercado de trabalho. Tem que haver uma relação dialética entre a leitura do mundo da reescrita do mundo, ou seja, com sua transformação pelos sujeitos.

Diante das respostas encontradas, ampliar a concepção de jovens e adultos, no sentido de reconhecer a educação como direito de aprender, ampliar conhecimentos ao longo da vida, e não apenas de se escolarizar é reconhecer o aluno EJA como sujeito que tem processo educacional durante toda trajetória de vida, e que a educação popular que esse sujeito carrega deve ser respeitada para que de fato e de direito esse espírito de cidadania seja respeitado.

Ferreiro e Teberosky (1999), sobre a Psicogênese da Língua escrita destacam que:

Não podemos esquecer, porém, que a alfabetização tem duas faces: uma, relativa aos adultos, e a outra, relativa às crianças. Se em relação aos adultos trata-se de sanar uma carência, no caso das crianças trata-se de prevenir, de realizar o necessário para que essas crianças não se convertam em futuros analfabetos. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 19).

(...) Porque a linguagem é um instrumento vivo de intercâmbios sociais e segue sua evolução fora da escola. A escola pode, isso sim, ajudar a conservar uma língua frente a outras línguas concorrentes (situação típica de escolas de fronteira, ou de escolas de grupos nacionais minoritários dentro de outra comunidade nacional). A escola pode, isso sim, perpetuar certas variantes estilísticas, independentemente de sua função comunicativa. A escola pode assumir a distinção entre “fala culta” e “fala inculta” (ou “popular”), estigmatizando dialetos e fazendo sua a hierarquia estabelecido pelas classes dominantes dentro da sociedade. Porém, não pode frear o desenvolvimento da comunidade linguística na qual está inserida. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 270).

Reporta-se ainda ao que diz Soares (2004), em seus estudos sobre Alfabetização e Letramento, quando a mesma explicita que é preciso repensar as práticas de ensino que têm predominado em muitas escolas, esclarecendo a distinção entre o que é letramento e o que é alfabetização, e desvendando as principais facetas de cada um desses termos.

Conforme a referida autora, letramento é a imersão do indivíduo na cultura escrita, a sua participação em eventos diversos que envolvem a leitura e a escrita, bem como ao contato e a interação com diferentes tipos e gêneros textuais. Já a alfabetização por sua vez, envolve o processo da consciência fonológica e fonêmica, ou seja, a construção das relações som e letra e o aprender a ler e a escrever alfabeticamente.

Nesse sentido, um dos grandes desafios do educador para alfabetizar letrando é trabalhar concomitantemente essas duas dimensões no fazer pedagógico, de forma a contemplar uma proposta de alfabetizar através de uma prática em que o ensino e a aprendizagem tenham sentidos e significados para o aprendiz, levando-o à apropriação do código escrito e, conseqüentemente à sua utilização nos diversos ambientes sociais em que se fizerem necessários.

No entanto, ler e escrever são considerados habilidades essenciais para a realização de novas aprendizagens, constituem fatores imprescindíveis para o aperfeiçoamento científico, independente da disciplina da área de estudo, haja vista que não somente a disciplina de língua portuguesa demanda a leitura e a escrita bem como a interpretação do código para a aprendizagem de uma infinidade de conteúdos. Portanto, ler não se restringe a um acúmulo de informações, mas se constitui fundamentalmente na apropriação de um tipo de conhecimento elaborado pela humanidade.

5 EM BUSCA DE CONCLUSÕES

O artigo trouxe uma reflexão sobre as concepções dos jovens e adultos sobre a importância da leitura e da escrita em seu cotidiano.

Ao manifestarem os seus objetivos com o novo conhecimento apreendido e com aquele que ainda irá ser adquirido, as alunas demonstraram desejos simples como ensinar o filho a fazer uma tarefa da escola ou escrever uma carta, mas que lhes trariam grande satisfação. Percebe-se, ainda, que a habilidade de leitura e de escrita não se restringe ao enfoque educacional do indivíduo, mas vai além ao propiciar um sentimento de inserção na sociedade e de completude da cidadania.

O estudo também apontou que a leitura e a escrita são os pilares para a inserção do aluno no mundo letrado. Tal fato foi constatado diante das narrativas das participantes da pesquisa ao enfocarem suas concepções sobre a importância da leitura e da escrita no seu cotidiano, e o que isso representa para cada uma delas, respondendo assim os objetivos propostos nesse estudo.

Ressalta-se aqui, no breve relato sobre a história da EJA como um campo da educação que é cunhado por lutas históricas, ainda em andamento, que se fazem necessárias para uma real democracia do ensino básico, público e de qualidade. Por isso, todas as dimensões que foram abordadas neste texto, são questões que se fazem presentes no cotidiano escolar, do seu alunado e professorado.

Tendo em vista, que a educação objetiva formar cidadãos críticos e participativos para sua inserção na sociedade atual, sociedade esta, complexa pelo avanço tecnológico e pelas mudanças no campo do trabalho se faz necessário, uma reflexão mais aprofundada acerca das especificidades dessa modalidade de ensino, uma EJA, que venha a atender de forma específica às necessidades daqueles que a

procuram. Desfazer o pensamento de uma Educação de Jovens e Adultos compensatória e pensar em uma EJA como prática social de educação para a vida, levando em consideração o contexto social do sujeito respeitando a diversidade, pluriculturalidade, identidade e desfazendo qualquer prática discriminatória.

Nesse sentido, faz-se necessário destacar que no processo de alfabetização (alfabetização, ação de ensinar/compreender, aprender a ler e escrever) e do letramento (estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita) que de acordo com Soares (2008, p.20) representam práticas sociais de linguagem que explicitam as relações de cidadania e de identidade das pessoas.

Também, de acordo com Freire (1982), ao afirmar que ser alfabetizado é ser capaz de usar a leitura e a escrita como meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la. Conforme o contexto ideológico em que ocorre, pode “libertar” ou “domesticar” os homens, alertando para a sua natureza inerentemente política cujo propósito deveria ser o de provocar mudança social.

Espera-se que esse estudo possa contribuir de forma significativa, no sentido de que se torne possível compreender as peculiaridades dos alunos de EJA, para os quais a aprendizagem não ocorre de forma convencional, mas têm seu próprio ritmo, o qual é bem peculiar. Compreendemos que os diversos gêneros textuais na EJA – a notícia, jornal, receita, a lista, a biografia, o anúncio, bula de remédio, dentre outros, auxiliam os aprendizes na apreensão das técnicas de leitura e da escrita formal e suas especificidades, e também os ajudam a entender os vários usos desses gêneros na sociedade letrada. Dessa forma, contribuimos para o processo de ensino-aprendizagem da escrita de textos dos aprendizes da EJA, à medida que possibilitamos a vivência de construção de gêneros que fazem parte do seu contexto cultural.

Apesar do estudo não abarcar todas as etapas do aprendizado dos demais gêneros textuais, tendo em vista que o semestre letivo estava em seu início no momento das entrevistas, e, logo em seguida, foi interrompido por uma greve, não se pode negar a importância que as alunas deram ao aprendizado da leitura e da escrita, levando-se em consideração o que já havia sido trabalhado até então. Consideramos, ainda, que a proposta aqui apresentada pode e deve ser recriada em outros momentos.

Entretanto, sabemos que um indivíduo não aprende só na escola e nem só com o seu professor, muito menos só o que o professor ensina, pois estamos inseridos em contextos diferentes que envolvem conhecimento e o aprender se faz presente e necessário a cada segundo da vida, seja para fazer uma compra ou para tomar um remédio requisitado pelo médico.

Neste contexto, é importante destacar que a nossa sociedade, por muito tempo, ponderou suficiente que o indivíduo, para ser considerado como alfabetizado, pudesse codificar e decodificar os códigos escritos. No entanto, hoje sabemos que, a condição de alfabetizado é mais do que apenas não saber ler e escrever, é fazer uso destes conhecimentos em situações reais do cotidiano.

Portanto, a prática educativa envolvendo jovens e adultos deve considerar sempre seus contextos de vida e seu desenvolvimento pessoal e social. E, para tanto, o exercício contínuo da leitura e da escrita é fundamental para a formação de leitores habituais e cidadãos bem informados.

Por fim, embora pareça ser utópico, acreditamos ser esta uma conquista que todos nós, educadores comprometidos com aqueles que deixaram escola já há algum tempo e hoje retornam, buscando resgatar os conhecimentos perdidos ao longo da vida, devemos tentar atingir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Senado, 1998.

_____. Congresso Nacional. Lei Federal nº 9.394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 20 de dezembro de 1996.

_____, **Diretrizes para uma política nacional de Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, MEC/ SEF 1994.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. Características de investigação qualitativa. In: _____. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, 1994.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. **Metodologia Científica Fundamentos e Técnicas, Construindo um Saber**. 19ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

CHIAVENATO, Idalberto, 1994. Gerenciando pessoas: **O passo decisivo para a administração participativa** / Idalberto Chiavenato. São Paulo: Makron Books, 1994.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DURANTE, Marta. **Alfabetização de Adultos: Leitura e Produção de Textos**. Artmed, Porto Alegre, 1998.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **A compreensão do sistema de escrita: construções originais da criança e informação específica dos adultos**. In: FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. Tradução por Horácio Gonzales. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed Editora. Porto Alegre. 1999.

_____, Emilia. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

_____, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Campinas. *Educ. Soc.* vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br> – acesso: 20 maio 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Analfabetos na Sociedade Letrada: diferenças culturais e modo de pensamento.** In: Revista Travessia. 17-20, 1992.

_____, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido, Rio de Janeiro.** Paz e Terra, 1974.

_____, Paulo. **Professora Sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar.** São Paulo, Editora Olho D'água. 1997.

SAMPAIO, Maria Narciso. ALMEIDA, Rosilene Souza (org.): **Práticas de Educação de Jovens e Adultos: complexidades, desafios e propostas,** Coleção estudos EJA, Autêntica, 2009

SCHNEUWLY, B.; DOLZ. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução Roxane Rojo e Glais S. Cordeiro. Campinas; Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, n.25, jan.abr./2004

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização.** In: Coleção Questões da Nossa Época. 47. 4ª Ed. São Paulo, Cortez, 2002.